



IF I WERE A BOY: UMA ANÁLISE DOS PRECONCEITOS CONTRA AS MULHERES À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO

Joanderson Felipe Silva Barbosa; André Monterio Moraes

Universidade Estadual da Paraíba (joandersonfsbarbosa@gmail.com)

RESUMO

Apesar de vivermos em uma sociedade moderna do século XXI muitos costumes, comportamentos, crenças, ideias e ideologias que norteiam o pensamento de grande parte da população de nosso país são de séculos passados e por tanto, continuam mantendo vivos os pensamentos retrógrados que fortalecem diversos tipos de preconceitos contra minorias ou contra classes sociais, gêneros ou raças, que apesar de numerosos, já possuem histórico de sofrimento por desigualdade, como é o caso do gênero feminino. Diante disto, o presente trabalho buscou demonstrar como essas duas classes sociais, feminina e masculina, aparentemente equiparadas, estão amplamente diferenciadas por uma questão de gênero e construção sócio-histórica, que vem sendo perpetuada desde muito tempo, através do poder dominante do patriarcado, que impossibilitou durante tanto tempo qualquer tipo de ascensão feminina a qualquer posição de poder e que também negou até mesmo os direitos simples do dia a dia, iguais aos dos homens. Para demonstrar esse tipo de desigualdade, fora analisada a letra da canção *If I Were a Boy* da famosa cantora norte-americana Beyoncé, que demonstra como a sociedade enxerga o comportamento masculino e os consideram aceitáveis, mesmo quando estes estão fora dos padrões de ética e moral, mas que quando os mesmos atos são praticados por mulheres, estas são encaradas com estranheza, desaprovação e condenação. A análise foi baseada na perspectiva althusseriana do que é ideologia e de como ela funciona, e fora intercalada com noções históricas básicas sobre o feminismo, androcentrismo, sexismo e patriarcado, através da interdiscursividade, que trata da propagação dos discursos já produzidos anteriormente.

Palavras-chave: Ideologia, Feminismo, Análise do Discurso.

INTRODUÇÃO

A fala é uma das qualidades mais notáveis que nos diferenciam do restante dos seres vivos do nosso planeta, seja fala oral ou escrita. Sempre que falamos, estamos produzindo sentidos com intuito de interagir com o mundo ao nosso redor. Essa produção de sentidos, dentro da linguagem, se torna discurso e este é propagado demonstrando nosso entendimento a respeito de algo, e assim produzimos ideologia, como explica Brandão (2004, p. 11)

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutro, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia.

Nesse ponto, a Análise do Discurso busca “compreender a língua fazendo sentido” (ORLANDI, 2007, p. 15), com o intuito de compreender a realidade ou as realidades que motivam as produções sociais que são construídas a partir de diversos fatores motivadores histórico-sociais, que tomam forma de ideologia.

Este é o motivo pelo qual esse trabalho veio a surgir; a busca pelo entendimento daquilo que faz com que (re)produzamos determinados discursos preconceituoso sem fundamentos concretos para tal, apenas por sermos guiados pela consciência coletiva que fora condicionada no passado a crer que certas liberdades não são para todos.

Seguindo essa noção, o presente trabalho buscou analisar os dizeres ideológicos presentes na letra da música *If I Were a Boy*, da cantora norte-americana Beyoncé. A canção foi composta pelos compositores BC Jean e Toby Gad e lançada primeiramente como *single*, e em 2008 passou a fazer parte do álbum *I am... Sasha Fierce*.

Entretanto, antes de adentrar na análise dos dizeres, faz-se necessário adentrar um pouco em determinados assuntos essenciais para embasar o processo de interpretação da música. Portanto, passaremos pelo contexto histórico da Análise do Discurso, logo em seguida veremos um pouco do que é a ideologia e a interdiscursividade, e concluiremos com um pouco da história do feminismo. Assim estaremos aptos a compreender as leituras que foram feitas dos dizeres da música.

METODOLOGIA

Durante o período de ministração do componente curricular Análise do Discurso, no curso de Letras-Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, fora solicitado aos alunos como atividade final da disciplina a análise de um *corpus* a gosto com base nos conhecimentos adquiridos durante as aulas. Diante disto, o presente trabalho se trata do resultado dessa atividade avaliativa.

Sendo assim, a análise presente neste artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica que fundamenta as interpretações realizadas por nós acerca dos dizeres encontrados na letra da música em questão.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA ANÁLISE DO DISCURSO

Nos anos 1950 teve início a constituição de uma análise do discurso como disciplina, porém ainda não se tratava da teoria como é conhecida nos dias atuais. Até então, os russos haviam aberto o caminho de entrada dos estudos linguísticos, mas a análise russa se limitava a observações de cunho estruturalista, não havendo preocupação ao que era exterior ao objeto de estudo.

Graças aos trabalhos de Harris (*Discourse analysis*, 1952) e R. Jakobson e E. Benveniste, sobre enunciação, foi que a análise daquela época se estendeu além da frase, buscando significados nos enunciados e foi a partir desses autores que surgiram duas vertentes de análise do discurso. A vertente americana, que era demarcada como uma extensão elementar da linguística, considerando o texto e a frase isomorficamente, e a vertente europeia, que se preocupava com a relação do dizer com a produção desse dizer. Ou seja, se preocupa com os vários sentidos que o dizer poderia produzir.

Segundo Maingueneau (1987 apud BRANDÃO, 2004, p.16), apenas nos anos 1960, através dos franceses, foi que surgiu a Análise do Discurso propriamente dita, gerada pela escola francesa de análise do discurso, que misturou uma reflexão entre texto e história e se articulava através do marxismo, da linguística e da psicanálise, tendo assim a sua base na interdisciplinaridade.

Entretanto, não era suficiente para Análise do Discurso (AD) permanecer no interior dos estudos da linguagem, pois correria o risco de permanecer dentro de uma linguística isolada do que é exterior ao seu objeto de estudo. Isto é, era necessário levar em consideração outras dimensões que circunda o texto, como apontou Maingueneau (1987 apud BRANDÃO, 2004, p. 17):

- O quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais delimitam fortemente a enunciação;
- Os embates históricos, sociais etc. que se cristalizam no discurso;
- O espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso.

Sendo assim, ficou claro que a linguagem é um fenômeno que deve ser estudado além da relação interna consigo mesma, mas que deve, também, ser vista de forma externa, pois é constituída a partir do que a circunda, isto é, constituída através da formação ideológica, que por sua vez é formada por formações discursivas, que "em uma formação ideológica específica e





levando em conta uma relação de classe, determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada" Brandão (2004, p. 48). Ou seja, é necessário estudar a relação externa do objeto de estudo para saber o que determina o que nesse objeto é expresso.

IDEOLOGIA

Não há estabelecido um consenso sobre o que de fato é ideologia. Autores como Marx e Althusser de acordo com Brandão (2004), trazem a contextualização da maneira pela qual a sociedade funciona para explicar o que seria ideologia. No marxismo, a ideologia funciona da seguinte forma: uma determinada parcela da sociedade tem, por consciência social, legitimado seu poderio sobre outras classes, de acordo com o poder econômico que possui. Ou seja, a classe dominante dita ideias, modelos, formas de ser e entender o funcionamento da esfera social em que se insere, representando a todos da sociedade, mesmo que esta por inteiro não compactue com essas concepções. Logo,

Na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que o façam em toda a sua extensão e, conseqüentemente, entre outras coisas, dominem também como pensadores, como produtores de idéias de seu tempo e que suas idéias sejam, por isso mesmo, as idéias dominantes da época (MARX E ANGELS, 1965, apud BRANDÃO, 2004, p.21).

Para Althusser (1970 apud BRANDÃO, 2004, p. 23), a ideologia trabalha através de veículos manipuláveis que ditam como a sociedade (ou parte dela) deve se comportar. A esses veículos, Althusser deu o nome de aparelhos ideológicos do Estado e dividiu-os em Aparelhos Repressores (ARE), que são as instituições que têm o poder de formular regras para que sejam adotadas e seguidas por obrigação, ao risco de repressão física ou fiscal. Já os Aparelhos Ideológicos (AIE), têm função formativa dentro da sociedade. Isto é, agem mais dentro do processo de implementação ideológica nos indivíduos de grupos específicos.

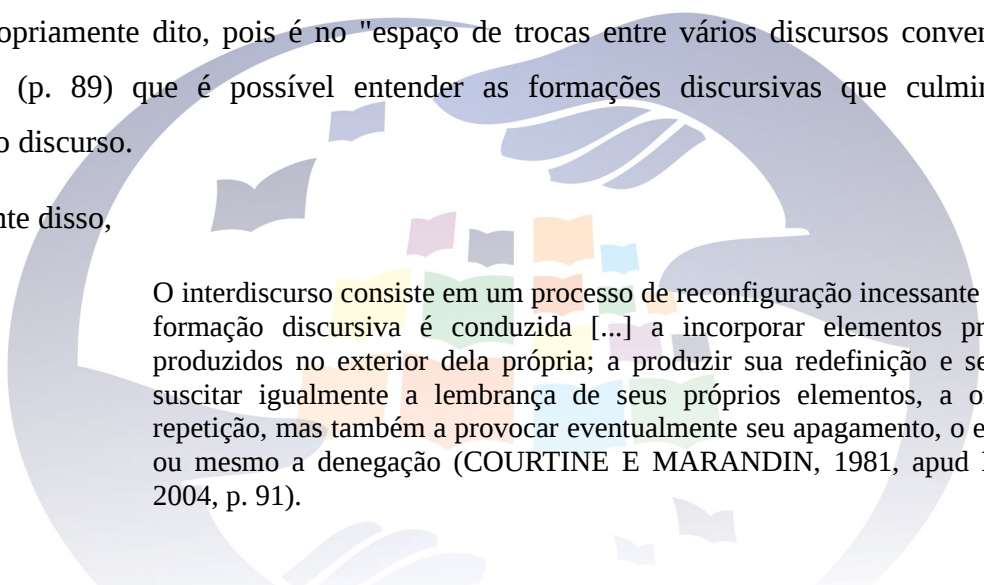
Embora ambas as formas tenham suas particularidades, elas transitam entre as práticas de umas das outras. Isto é, os ARE "funcionam de uma maneira massivamente prevalente pela repressão (inclusive física), embora funciona secundariamente pela ideologia"; enquanto os AIE "funcionam de um modo massivamente prevalente pela ideologia, embora funcionando secundariamente pela repressão, mesmo que no limite, mas apenas no limite, esta seja bastante atenuada, dissimulada ou até simbólica" (p. 23).

INTERDISCURSIVIDADE

Outro aspecto importante dentro da AD é a relação que existe com o que é dito com o que já foi dito, pois sabe-se que "um discurso nunca seria autônomo: como ele se remete sempre a outros discursos, suas condições de possibilidades semânticas se concretizam num espaço de trocas, mas jamais enquanto identidade fechada" (BRANDÃO, 2004, p. 91). Isto é, a produção autônoma de um discurso não é real, pois todo discurso é formado por formações discursivas que compõem uma formação ideológica que só então se torna discurso e pode ser analisado em sua completude.

Essa relação entre o dito e o já-dito é o que conhecemos por interdiscurso que, para Maingueneau (1984 apud BRANDÃO, 2004, p. 89), é a unidade de análise mais pertinente do que o discurso propriamente dito, pois é no "espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos" (p. 89) que é possível entender as formações discursivas que culminaram num determinado discurso.

Diante disso,



O interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é conduzida [...] a incorporar elementos preconstruídos produzidos no exterior dela própria; a produzir sua redefinição e seu retorno, a suscitar igualmente a lembrança de seus próprios elementos, a organizar sua repetição, mas também a provocar eventualmente seu apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação (COURTINE E MARANDIN, 1981, apud BRANDÃO, 2004, p. 91).

Além disso, outro aspecto importante a ser levado em consideração é condição de produção do discurso, que envolve essencialmente o sujeito e a situação na qual esse sujeito está inserido, podendo gerar uma produção imediata, porém não autônoma, ou uma produção embasada em contexto sócio-histórico, como explica Orlandi (2007).

Para Orlandi (*op. Cit*), interdiscursividade e memória discursiva, quando relacionadas ao discurso, são entendidas da mesma forma. Isto é, algo já-dito que serve como base do que é retomado posteriormente em outros contextos, o que é ligado à identidade de um discurso, como explica Carneiro (2007)

[...] toda identidade do discurso são construções feitas através do próprio discurso, por isso, permeável e passível de movências de sentido. Quando um discurso é proferido, ele já nasce filiado a uma rede tecida por outros discursos com semelhantes escolhas e exclusões.

Seguindo com a noção de que um discurso nunca é autônomo e que é formado por formações discursivas, levando em consideração a condição de produção de um discurso, faz-se necessário comentar sobre a noção do que é feminismo para que possamos compreender de forma mais clara o objeto de estudo dessa análise.

FEMINISMO

Há tempos que o feminismo atua na sociedade. Há relatos de movimentos, pensamentos e lutas de muitas mulheres no decorrer da História em busca da igualdade social em relação aos homens. Seja nas ruas, no dia a dia ou até mesmo na literatura, como é o caso da obra vitoriana de Charlotte Brontë, Jane Eyre – que é vista como um tratado feminista –, nem todas as mulheres se sujeitavam às convenções sociais das diversas eras vividas pela humanidade.

Entretanto, todos esses tipos de manifestações contra o patriarcado só foram traduzidos para o termo feminismo por volta de 1911, nos Estados Unidos, através de escritores, homens e mulheres, em substituição de expressões como *movimento das mulheres e problemas das mulheres*, como explica Garcia (2011, p.12). As feministas americanas visavam “um equilíbrio entre as necessidades de amor e de realização, política e individual” (p.13), o que pode ser facilmente contextualizado nos dias atuais, nos quais ainda existem desigualdades entre homens e mulheres, seja profissionalmente ou no tratamento interpessoal.

Em suma, em todos os momentos nos quais as mulheres se posicionaram de forma contrária às convenções sexistas de suas respectivas épocas, podemos entender que tais posicionamentos foram de cunho feminista, sendo assim podemos definir o feminismo como:

[...] a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social (GARCIA, 2011, p.13).

Dito isto, para adentrarmos na análise do *corpus* deste trabalho, fez-se necessária essa breve explicação acerca da ideologia denominada feminismo, já que ela é essencial para compreendermos determinados aspectos e dizeres que a canção contém.



A ANÁLISE

Embora tenhamos mencionado mais de um autor que discorre sobre a noção de ideologia, o presente trabalho se detém a analisar o objeto de estudo escolhido através da teoria althusseriana, que compreende a ideologia na sociedade através de aparelhos de controle das massas. Para tratar da noção de interdiscursividade, nos deteremos ao que Brandão (2004) aborda em seu livro, Introdução à Análise do Discurso, juntamente com Orlandi (2007), que terão agregada a noção de feminismo, explicada por Garcia (2011) no livro Breve História do Feminismo.

A música em questão nessa análise possui temática feminista por tratar de uma inversão de papéis, no qual uma mulher se imagina estando no lugar de um homem para ter benefícios do sexo masculino e demonstrar como este deveria tratar o sexo oposto.

Em relação às condições de produção explicadas por Orlandi (2004), sabe-se que a canção fora composta pela compositora BC Jean, como uma resposta aos sentimentos dela após o término de um relacionamento amoroso e fora produzida por Toby Gad.

O envolvimento de Beyoncé veio após a artista descobrir essa canção e ter tido o desejo de gravá-la. Ela então comprou os direitos da música e a lançou como *single*. Após o sucesso da sua interpretação, a artista adicionou a composição ao álbum *I am... Sasha Fierce*, sendo a única canção que destoa do estilo musical da cantora em todo o álbum.

Sobre a letra da música, desde a primeira estrofe é perceptível a comparação entre homens e mulheres, em relação ao dia a dia de cada um. Na consciência social da população existem concepções muito bem demarcadas a respeito das vestimentas que as mulheres devem utilizar e das maneiras como devem se comportar, algo que é estabelecido e vem sendo reforçado durante vários anos através de Instituições como família e igreja, que se configuram como AIE, na teoria althusseriana.

*I'd Roll outta bed in the morning
And throw on what I wanted then go
Drink beer with the guys
And chase after girls
I'd kick it with who I wanted
And I'd never get confronted for it
Cause they'd stick up for me*



Diante disso, nas primeiras críticas encontradas na música, nota-se a maneira como a sociedade enxerga a mulher através da forma como os homens se comportam sem serem questionados, de maneira que a mulher se torna um reflexo da proibição das atitudes dos homens que não são julgadas devido à noção androcêntrica que “distorceu a realidade, deformou a ciência e tem graves consequências na vida cotidiana”, como explica Garcia (2011, p.16).

No trecho *Cause they'd stick up for me*, entende-se que o pronome pessoal *they*, no último verso da primeira estrofe, remeta-se à noção de que as pessoas do convívio social dos homens compreendem que eles possuem uma forma diferenciada de comportamento e por isso não poderiam ser confrontados, como está dito no penúltimo verso da canção *And I'd never get confronted for it*.

Novamente voltando à noção da superioridade masculina defendida em várias esferas sociais como, por exemplo, na esfera religiosa, na qual existe uma divisão clara do papel masculino e do papel feminino no convívio social, como é demonstrado na própria Bíblia em Gênesis 2:18, que explicita que a mulher fora criada para ser uma auxiliadora do homem. Ou seja, uma determinação de que o sexo feminino veio existir não para si, mas para a satisfação masculina e do que esta necessitar. Logo, a noção de desigualdade, até mesmo no âmbito espiritual, é reforçada através dos AIE de uma das três maiores religiões do mundo, sendo uma grande contribuição negativa ao combate contra a desigualdade dos gêneros.

O recorte a seguir traz novamente a noção da pouca importância do sexo feminino, agora nas relações amorosas, nas quais é do pensamento popular que homens, em geral, dão pouco valor aos sentimentos que as mulheres nutrem por eles. Logo, a autora da música, ao se pôr no lugar de um homem, saberia como uma mulher deveria ser tratada para que não fosse sentimentalmente ferida, visto que, conforme o verso da canção, *Cause he's taken you for granted*, o sexo masculino não sabe valorizar a importância do sexo oposto, pois a posição de dominação e superioridade construída no imaginário sexista coletivo condiciona determinados comportamentos ao ponto de gerar machismo, que “é um discurso da desigualdade” e “consiste na discriminação baseada na crença de que os homens são superiores às mulheres” Garcia (2011, p. 18)

I'd listen to her
Cause I know how it hurts
When you lose the one you wanted
Cause he's taken you for granted



O trecho abaixo traz um paralelo entre a autora no lugar do homem e a realidade midiática, religiosa e literária da mulher que espera o retorno do homem que ama.

Cause I know that she'd be faithful
Waiting for me to come home

Primeiramente, tem-se a afirmação sobre a fidelidade da mulher *Cause I know that she'd be faithful* servindo de apoio para ideia de que o sexo feminino sempre cumpre a sua função de suporte ao sexo masculino, como a mulher que espera o marido voltar para casa depois de um dia de trabalho cansativo.

O termo *faithful*, quando empregado como adjetivo pode significar que uma pessoa permanece leal e firme a algo ou alguém. Isto é, a afirmação presente na canção parece ir além da noção de compromisso mútuo entre homem e mulher, transparecendo uma condição imputada ao comportamento feminino, já que em muitos casos espera-se que a mulher permaneça ligada à fidelidade em relação ao homem, mesmo que este não retribua de forma igual.

Vemos então, a diferenciação entre os gêneros, que Garcia (2011, p. 19) define como “sistemas de crenças que especificam o que é característico de um e outro sexo, e a partir daí, determinam os direitos, os espaços, as atividades e as condutas próprias de cada sexo.”, sendo estabelecida na conduta que se espera que o sexo feminino adote dentro do contexto mencionado.

Na posição que a autora da música toma, para falar do ponto de vista feminino através da posição social masculina, a noção de fidelidade, por parte da mulher que espera, toma a conotação de admiração pela representação feminina na relação homem e mulher, pois não se trata do sexo feminino submetido ao masculino, mas da companheira de relacionamento que aguarda o companheiro que se ausentou fisicamente.

Na relação midiática, temos a mulher que espera o retorno de seu amado no cinema, como no filme *Querido John*, de 2010, que retrata um casal separado pela guerra oriunda do dia 11 de Setembro de 2001 e no qual a personagem feminina fica à espera de seu amado por tanto tempo que acaba desistindo dele, enquanto o personagem masculino, que em sua representação heroica de patriota, é representado como aquele que coloca o país a frente da própria felicidade e satisfação amorosa. Temos na literatura, Penélope, esperando Odisseu por 20 anos sem se envolver com outros homens, enquanto o dito herói deitava-se com outras mulheres. Ou até mesmo na relação bíblica



entre a Igreja e Jesus, na qual a Igreja é dita a esposa de Cristo e que deve se manter santa até a sua volta.

Diante disto, voltamos à teoria althusseriana para embasarmos a exposição do sexo feminino através das AIE, tais como mídia, religião e literatura. De acordo com Althusser (1970 apud BRANDÃO, 2004, p. 25) “a ideologia é a maneira pela qual os homens vivem a sua relação com as condições reais de existência, e essa relação é necessariamente imaginária”. Portanto, as convenções sociais estabelecidas através das intuições, como igreja e cinema, são frutos do imaginário do homem e se distancia das condições reais de vida, pois é pelo imaginário que o homem, ser humano, enxerga a realidade. Sendo assim, por se distanciar das condições reais de vida, torna-se compreensível a criação da desigualdade entre os gêneros, mas não aceitável.

Na última estrofe a inversão de papéis é deixada de lado. A autora passa a falar partir da posição feminina em relação à masculina, lamentando que a realidade não seja como ela idealizou durante quase toda a música. Isto é, nem as mulheres possuem a liberdade não julgada dos homens e nem eles as tratam como deveriam.

*But you're just a boy
You don't understand
Yeah you don't understand
How it feels to love a girl someday
You wish you were a better man
You don't listen to her
You don't care how it hurts
Until you lose the one you wanted
Cause you've taken her for granted
And everything you had got destroyed
But you're just a boy*

O último recorte acima traz traços da noção sexista em relação às formas de comportamento contrárias ao que fora projetado durante todo o trajeto da canção, pois retrata a falta de empatia do sexo masculino ao referir-se, independente da forma como o faz, ao sexo oposto, o que corrobora com Garcia (2011, p. 19) ao explicar que

O sexismo abarca todos os âmbitos da vida e das relações humanas. Ou seja, não se trata de costumes, piadas ou manifestações do poderio masculino em momento determinado, mas de uma ideologia que defende a subordinação das mulheres e todos os métodos utilizados para que essa desigualdade se perpetue.





Entretanto, o tom que canção toma em seu final é o da conformidade, demonstrado em trechos como “*But you're just a boy*”, que é repetido no início e final da estrofe. Esse sentido de conformidade pode ser remetido às várias lutas enfrentadas pelas mulheres que resultaram em fracasso ou até mesmo em tragédias, pois os discursos de legitimação da desigualdade entre homens e mulheres sempre foi muito presente e sólido, o que desencoraja, desmotiva e até desarma qualquer tipo de levante contrário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da música analisada, foi possível evidenciar tanto a importância da Análise do Discurso, quanto a necessidade de refletir a respeito dos dizeres que produzimos dentro de um determinado contexto, embora nunca se trate de dizeres autônomos, essa produção social dentro de diferentes contextos tomará outras interpretações, como explicou Carneiro (2007)

Este lugar no discurso é governado por regras anônimas que definem o que pode e deve ser dito. Somente nesse lugar constituinte o discurso vai ter um dado efeito de sentido. Se for pronunciado em outra situação que remeta a outras condições de produção, seu sentido, conseqüentemente, será outro.

A canção fora composta com intuito de desabafar um sofrimento trazido por uma situação corriqueira, que é um término de relacionamento. Entretanto, os dizeres de quem compôs a música estão ligados a outros aspectos fora da realidade dos termos de relacionamentos, tais como as diferenças de aceitação de comportamentos entre homens e mulheres; as desigualdades de gênero e as formações ideológicas baseadas em discursos sexistas e patriarcais, como a memória discursiva que Orlandi (2007) explica.

Portanto, fica evidente o quanto a ideologia age no seio da sociedade, quase sempre de maneira camuflada, pouco perceptível, e é nesse ponto que o feminismo vem cumprindo com seu dever, ao demonstrar a capacidade feminina em pé de igualdade à masculina, desmistificando e contrariando as convenções do imaginário coletivo, que são reforçadas através das AIE sexistas que, de forma geral, vem apoiando o lado androcêntrico, pois a sociedade tem predominantemente o poder patriarcal, construído através dos séculos da História da humanidade, como fora aqui demonstrado, por exemplo, no contexto religioso, que tem grande relevância e poder dentro do Estado devido à sua longa existência e tradição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João Ferreira de. Trad. **Bíblia Sagrada** (revista e atualizada no Brasil) 2 ed. São Paulo. Sociedade Bíblica Brasileira, 2008.

BEYONCÉ. **If I Were a Boy**. Disponível em: < <https://www.vagalume.com.br/beyonce/if-i-were-a-boy.html> >. Acesso em: 02 maio 2016.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2.ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004

CARNEIRO, Eduardo Araújo; CARNEIRO, Egina Carli de Araújo Rodrigues. **Notas introdutórias sobre a análise do discurso**: parte 4 – Fundamentos da Análise do Discurso. Publicado em 11.07.2007. Disponível em: < <http://www.duplipensar.net/artigos/2007s1/notas-introdutorias-analise-do-discurso-fundamentos.html> > Acesso em: 28 maio 2016.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. SP : Claridade, 2011.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 7.ed. São Paulo: Pontes, 2007.

